



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS-LIBRAS**

ZÉLIA RIBEIRO DA SILVA MIRANDA

**LITERATURA SURDA E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS:
CENÁRIOS E EXPERIÊNCIAS**

**PORTO NACIONAL (TO)
2022**

ZÉLIA RIBEIRO DA SILVA MIRANDA

**LITERATURA SURDA E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS:
CENÁRIOS E EXPERIÊNCIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-
Libras do Campus de Porto Nacional da
Universidade Federal do Tocantins - UFT
como pré-requisito para obtenção do título de
licenciado e aprovada (o) em sua forma final
pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Ma. Thainã Miranda Oliveira
Coorientadora: Ma. Suelen Silva de Oliveira

**PORTO NACIONAL (TO)
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M672I Miranda, Zélia Ribeiro da Silva Miranda.
Literatura surda e aquisição de língua de sinais: cenários e experiências. /
Zélia Ribeiro da Silva Miranda Miranda. – Porto Nacional, TO, 2022.
33 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras, 2022.
Orientadora : Thainã Miranda Oliveira Miranda Oliveira
Coorientadora : Suelen Silva de Oliveira Silva de Oliveira

1. LITERATURA SURDA. 2. AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS .
3. CONTEXTO INFORMAL. 4. CONTEXTO FORMAL. I. Título

CDD 419

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ZÉLIA RIBEIRO DA SILVA MIRANDA

**LITERATURA SURDA E AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS:
CENÁRIOS E EXPERIÊNCIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-
Libras do Campus de Porto Nacional da
Universidade Federal do Tocantins - UFT
como pré-requisito para obtenção do título de
licenciado e aprovada (o) em sua forma final
pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Ma. Thainã Miranda Oliveira
Coorientadora: Ma. Suelen Silva de Oliveira

Data da aprovação: ____/____/____.

Banca examinadora:

Profa. Ma. *Thainã Miranda Oliveira* – Orientadora - UFT

Profa. Ma. *Suelen Silva de Oliveira* – Coorientadora/Examinadora - UFT

Profa. *Alanna Alencar de Araújo* – Examinadora - UFT

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha mãe Osmira
Maria, que mesmo sendo pouco
alfabetizada sempre me estimulou a
estudar, um dia te prometi um diploma, e
ele está chegando.*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Jesus Cristo, meu Senhor e salvador que tem me amado desde sempre!

Ao meu esposo, Eber Miranda, que sempre me incentivou a continuar estudando, não é fácil voltar a estudar depois de anos fora da escola. Aos meus filhos, Paulo Timóteo e João Dário, que foram compreensivos e obedientes, pois em muitos momentos precisei deixá-los para estudar. Também agradeço à minha mãezinha que sempre ora por mim e à minha comunidade na fé Igreja Batista Esperança.

Agradeço aos caros colegas de turma, todos vocês em algum momento me ajudaram a prosseguir, principalmente quando a atividade era difícil. Essa turma é unida e ajudadora.

Aos intérpretes que sempre foram acessíveis e compreensivos, aos professores que nos capacitam e ensinam tanto! Na pandemia pensei em desistir pois a limitação tecnológica me amedrontava e os conselhos dos professores Bruno Carneiro e Adelaine Valéria me estimularam a continuar.

Obrigada também mestre Thainã Miranda, por me orientar e estimular a conhecer mais sobre a cultura surda, sua beleza, expressão e arte. As mestres Alanna e Suelen, minha coorientadora, por me enriquecerem na área da educação de surdos e aquisição de língua de sinais. Agradeço, em especial, a Michelle de Paula que me inspirou a querer conhecer o surdo e sua cultura, seu testemunho impactou minha vida de tal modo que futuramente serei eu que também estarei contribuindo com essa comunidade. Agradeço a Deus que ouviu minha oração e tem me presenteado com amigos surdos e ouvintes.

Por fim, agradeço a Universidade Federal do Tocantins e a Educação pública brasileira, pois sendo acessível e oportunizar que qualquer pessoa de qualquer classe social, raça, sexo, idade, etnia, curse uma universidade, tendo assim através da educação uma mudança de vida, a Educação transforma vidas! Sou a prova disso! Serei a primeira da minha família e da geração de minha parentela a concluir um curso superior, pois já havia tentado por três vezes, mas não concluí nenhum. Parabéns para mim!

RESUMO

Crianças surdas quando estimuladas desde a infância em língua de sinais tendem a se desenvolver com maior facilidade linguística, subjetiva, cognitiva entre outros aspectos. Nesse sentido, nos embasamos em Rodriguero (2000), Goldfeld (2002), Vater e Daros (2015) e Sutton-Spence (2021) para questionamos se a literatura surda e/ou literatura sinalizada pode ser uma ferramenta no processo de aquisição de língua de sinais. Assim, o objetivo desse trabalho busca investigar alguns cenários e contextos, nos quais, a literatura surda e/ou literatura sinalizada foi/é utilizada para auxiliar a aquisição da língua de sinais. Para alcançar tais objetivos, optamos por pesquisa qualitativa com descrição e reflexão de três contextos, *O diário da Fiorella* (2015), *Sou Surdo e Não Sabia* (2009) e relatos de vivências pessoais da pesquisadora com dois surdos no município de Porto Nacional/Tocantins. Entre os resultados encontrados defendemos a que a literatura surda se mostra uma grande mediadora de conhecimentos linguísticos e cognitivos, seja ela utilizada em contextos informais como o meio familiar ou em situações formais de ensino.

Palavras-chaves: Literatura surda. Aquisição de língua sinais. Contexto informal e formal.

ABSTRACT

Deaf children, when stimulated from childhood in sign language, tend to develop with greater linguistic, subjective, and cognitive ease, among other aspects. In this sense, we base ourselves on Rodriguero (2000), Goldfeld (2002), Vater e Daros (2015) e Sutton-Spence (2021) and question whether deaf literature and/or signed literature can be a tool in the process of acquiring sign language. Thus, the objective of this work seeks to investigate some scenarios and contexts, in which, the deaf literature and/or signed literature was/is used to help the acquisition of sign language. To achieve these objectives, we opted for qualitative research with a description and reflection of three contexts, *O Diário da Fiorella* (2015), *Sou Surdo e Não Sabia* (2009) and reports of the researcher's personal experiences with two deaf people in the city of Porto Nacional/Tocantins. Among the results found, we argue that deaf literature is a great mediator of linguistic and cognitive knowledge, whether it is used in informal contexts such as the family environment or in formal teaching situations.

Keywords: Deaf literature. Sign language acquisition. Informal and formal context.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CRIANÇAS SURDAS, AQUISIÇÃO DE LÍNGUA E LITERATURA	13
2.1	Contextos Familiares e a Aquisição de Língua de Sinais	13
2.2	Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais.....	15
3	CENÁRIOS E EXPERIÊNCIAS SOBRE AQUISIÇÃO E LITERATURA	19
3.1	Fiorella - <i>O Diário da Fiorella</i> (BRASIL, 2015).....	19
3.2	Sandrine - <i>Sou Surda e Não Sabia</i> (FRANÇA, 2009)	24
3.3	Relatos de vivência em Porto Nacional/TO.....	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre os processos de aprendizagem e/ou aquisição de língua de sinais¹ por pessoas surdas no ambiente escolar, entretanto, é na família onde o surdo tem seu primeiro contato linguístico, muitos deles começam a frequentar a escola na Educação Infantil, geralmente entre 4 e 6 anos. Alguns tornam-se apenas copistas pois não utilizam a língua de sinais como meio de comunicação. Desse modo, refletimos como ocorre o desenvolvimento da língua de sinais em contextos familiares ou extraescolares que utilize literatura surda e/ou literatura em língua de sinais.

Os pais ouvintes, muitas vezes, demoram a perceber que seus filhos são surdos, assim, seus desenvolvimentos são aparentemente comuns às pessoas ouvintes. Depois de um certo tempo a família pode desconfiar que a criança tem algo diferente, e quando o diagnóstico dado pelo médico é surdez, muita coisa muda. Alguns pais se culpam, tentam entender o que fizeram de errado e questionam como será a vida daquela criança e de que como ocorrerá a comunicação entre eles.

Posteriormente, ao choque do diagnóstico existem pais que tendem a se afastar por medo ou insegurança e o relacionamento entre eles e os filhos surdos fica mais frio com apenas uma comunicação básica de sinais caseiros. Outros protegem a criança de uma forma que a isola no mundo deles, uma bolha protetora para que não haja preconceito, olhares curiosos, críticas e compaixão. Tais comportamentos se mantêm para muitos pais, porém outros ao buscarem conhecimentos ou serem orientados passam a enxergar a pessoa surda de uma nova forma, entendendo suas necessidades e especificidades.

Independente disso, assim como a criança ouvinte a criança surda também precisa estudar, se comunicar e desenvolver sua língua, porém nem sempre esse processo é simples, se faz necessário uma mudança de pensamento e busca de conhecimento não só sobre a surdez, mas principalmente sobre a cultura surda, o modo de vida visual que lhe é disponível, oportunizando essa criança o direito de ser surda e ter acesso a língua de sinais. Isso faz com que haja mais igualdade, inclusão

¹ A aquisição de língua de sinais considerada nessa investigação está fundamentada em Harrison (2000, apud Dizeu e Caporali, 2005, p.6), pois essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma. Dizeu e Caporali (2005, p.6) ainda reiteram que como qualquer outra língua, deve ser inserida na vida da criança nos três primeiros anos de idade, para que a criança a adquira naturalmente.

e acessibilidade, além de fortalecer o desenvolvimento de sua subjetividade e consequentemente, de sua própria identidade surda.

É certo que contar histórias faz parte da natureza humana tal necessidade de comunicação e repasse de conhecimento e experiências é uma marca das narrativas humanas. Nós, ouvintes gostamos de imaginar e a mente humana é muito criativa. Ouvimos e imaginamos, entretanto, o surdo sendo um ser visual precisa que as histórias sejam contadas de maneira visual e sinalizada para que a internalização da imagem e do sinal seja eficaz, assim, ele vê e imagina, como comenta Mourão:

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas ou em seus lares, [...] teriam mais possibilidade de usar a imaginação, a criatividade e a emoção e poderiam se tornar uma fábrica de histórias, produzindo ideias, narrativas e poemas, que ainda são poucos (MOURÃO, 2012, p.4, apud SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva.p.17)

Nesse contexto, crianças surdas quando estimuladas desde a infância em língua de sinais com literatura surda e/ou literatura sinalizada tendem a se desenvolver com maior facilidade linguística, subjetiva, cognitiva entre outros aspectos. Portanto, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar alguns cenários e contextos, nos quais, a literatura surda e/ou literatura sinalizada foi/é utilizada para auxiliar a aquisição da língua de sinais; como objetivos específicos, pretende descrever cenários externos que exploraram a literatura na Língua de Sinais Francesa, LSF, e na Língua Brasileira de Sinais, Libras, respectivamente; também relata sobre duas experiências da pesquisadora em dois contextos, um adulto surdo com aquisição tardia² e um adolescente surdo, ambos na cidade de Porto Nacional - Tocantins.

Para os cenários externos tomamos como referências as histórias da Fiorella, *O Diário da Fiorella* (2015), uma criança surda brasileira filha de pais surdos fluentes em Libras e de Sandrine, uma surda francesa que narra sua trajetória no documentário *Sou Surda e Não Sabia* (FRANÇA, 2009); e para os contextos com as experiências pessoais da pesquisadora, também abordamos sobre aquisição tardia da língua de sinais junto com duas pessoas surdas em dois diferentes contextos na cidade de Porto

² Para aquisição tardia em frequentes casos de surdez consideramos Nader e Pinto (2011, p. 4). Elas afirmam que a demora para adquirir língua de sinais engloba tanto o surdo que passa anos insistindo no aprendizado da fala sem qualquer êxito, quanto o surdo que demora anos a ser diagnosticado, bem como aquele de poder aquisitivo desfavorável, que nunca teve acesso a uma instituição que o oriente, à terapia, ou ao contato com outros surdos, que lhe possibilitariam o aprendizado da língua de sinais. [...] Por demorarem a assumir uma identidade, atrasam também a opção por uma língua.

Nacional, Tocantins. Um surdo adulto, na faixa dos 40 anos, residente na zona rural e nascido em família ouvinte e um adolescente surdo, com idade entre 10 e 15 anos, nascido em família ouvinte com recente acesso a Libras no ambiente escolar.

Haja vista que, em sua maioria os surdos estão em famílias ouvintes diversos são seus processos de aquisição de língua de sinais e seus contatos com a literatura surda e/ou literatura sinalizada. Diferentemente do surdo que nasce em família surda, pois este já está inserido na sua língua natural e comunidade.

Dessa forma na intenção de alcançar os objetivos propostos organizamos essa pesquisa em dois capítulos teóricos. O capítulo, *Crianças Surdas, Aquisição de Língua e Literatura*, embasa e discute conceitos básicos para compreendermos possíveis relações entre aquisição de língua de uma criança surda e a literatura surda, seja tais processos em tanto em casa no ambiente familiar e informal, como na escola que é um ambiente mais formal. No capítulo seguinte, *Cenários e Experiências Sobre Aquisição e Literatura*, apresentamos dois diferentes cenários sobre a criança surda, uma nasce em família surda sinalizante e a outra nascida em família ouvinte que não utiliza a língua de sinais. Também há relatos de experiências da pesquisadora sobre a utilização da literatura surda com dois surdos do município de Porto Nacional/TO.

2 CRIANÇAS SURDAS, AQUISIÇÃO DE LÍNGUA E LITERATURA

A surdez tem características, necessidades e especificidades que demandam uma certa atenção e um olhar livre de preconceitos por parte da sociedade. É importante entendermos que o sujeito surdo é uma pessoa comum e a única diferença envolve sua maneira de se comunicar, através dos sinais. Sendo assim, seu processo de aquisição de língua de sinais é bastante influenciado pelo meio que a criança está inserida e os estímulos que recebe.

2.1 Contextos familiares e aquisição de língua de sinais

Muitos surdos são considerados incapazes por dificuldades comunicativas, muitas vezes ocasionadas pela falta de acesso a língua de sinais, logo são julgados inferiores pela sociedade ouvinte. Segundo Mendes (2006), no final do século XX, começa a institucionalização da Educação Especial no Brasil que coincidiu com a filosofia da normalização que acontecia no mundo. Desde então gradativas mudanças ocorreram sobre as pessoas surdas, como o crescimento de estudos e pesquisas nas áreas da saúde, educação. Assim, na contemporaneidade, temas como leis, acessibilidade, inclusão, aceitação social, política linguística e literatura surda são mais discutidos e valorizados.

Entretanto, ainda hoje, muitos surdos continuam sofrendo com a exclusão social. Um desses fatores, como já comentamos, envolve, principalmente, certo atraso na linguagem, o que torna sua comunicação limitada e fazer com que ele se envolva minimamente ou não se envolva em discussões sociais. Sobre esse processo histórico Vater e Daros (2015), comentam:

Os surdos ultrapassaram o século XX com muitas dificuldades de inserção na sociedade, ouvintes eram quem tomavam decisões e faziam escolhas pelos surdos, apenas a partir dos anos 60 deste século é que outros métodos foram estudados como o da comunicação total e o do bilinguismo, utilizado hoje em muitas escolas (VATER e DAROS, 2015, p.74).

As autoras ainda discutem sobre duas perspectivas relacionadas a surdez, a clínica e a educacional. a clínica enxerga e trata a surdez como deficiência, na qual, o surdo é considerado “anormal” e é submetido a tratamentos com medicamentos aparelhos e testes para “concertar” o defeito. Já a educacional entende o surdo como

apenas diferente no sentido da linguagem e percepção do mundo, oferecendo assim possibilidades de aquisição e desenvolvimento de sua língua natural, língua de sinais, e sua língua nacional, como segunda língua (VATER e DAROS, 2015).

Nesse sentido, esperamos que o desenvolvimento ideal de crianças surdas se assemelhe ao desenvolvimento de qualquer outra criança, no qual, os primeiros estímulos ocorrem no ambiente familiar, com contatos sociais e interativos. Entendemos que as famílias tem forte papel na formação identitária do indivíduo, sendo esse contexto propício para que ela seja estimulada a se expressar, compreender a si e ao mundo e também aprender conceitos sociais básicos como: autoridade, respeito, educação, honestidade, ética e outros.

Segundo Celma Rodriguero (2000), a linguagem além da função comunicativa tem função cognitiva. A autora baseia suas discussões nos estudos de Vygotsky (1989, p.18, apud RODRIGUERO, 2000 p.104), que define duas linhas de desenvolvimento para a construção do pensamento, uma “natural (biológica) e outra sócio-histórica”. Para ele, “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual” (idem).

[...] a criança irá construir sua realidade social e descobrir a si própria pela comunicação, ou seja, por meio das interações ela passa a se perceber e se identificar com seus pares, estabelecendo, assim, as diferenças entre os indivíduos inseridos em seu meio (ROSSI, 2000 apud DIZEU e CAPORALI, p.11).

Sobre tal conceituação, entendemos que através da linguagem que se dão as relações sociais nas quais a criança nasce imersa. No caso de crianças surdas, o modo e as possibilidades dessa imersão são cruciais, pois existem barreiras para o acesso à linguagem oral. Mostra-se, assim, necessária, a incorporação de uma língua de sinais, de modo que se possa configurar condições mais adequadas ao aumento das relações interpessoais, que formam o funcionamento nas áreas cognitiva e afetiva (RODRIGUERO, 2000 p.112).

Entretanto (Quadros 1997) esclarece que:É necessário que qualquer profissional que queira trabalhar com o ensino da língua portuguesa para surdos conheça teoricamente sobre o desenvolvimento da linguagem e as condições relacionadas ao processo de aquisição de uma segunda língua e basicamente existem três tipos de abordagem sobre aquisição que são elas: Abordagem comportamentalista (SKINNER 1957) que se baseia no interesse pelos aspectos

observáveis e mensuráveis do comportamento. A abordagem linguística tendo como referência a teoria de (CHOMSKY) que considera a linguagem como tendo uma gramática ou estrutura. A Interacionista divide-se em dois enfoques que são tratados separadamente, o enfoque cognitivista baseado em PIAGET, trata da abordagem linguística enfatizando as estruturas internas como determinantes do comportamento, considerando a linguagem como um sistema simbólico regido por regras, enxerga o desenvolvimento da linguagem com parte do desenvolvimento cognitivo não linguístico e que a linguagem é consequência do desenvolvimento cognitivo. Já o sociointeracionismo baseado em Vygotsky, entende que a linguagem tem uma estrutura e regras gramaticais e enfatiza que o ambiente tem papel importante na produção dessa estrutura, também concorda que as regras gramaticais acontecem a partir de associações e memorizações do contexto social, valorizando a linguagem focada na criança com o objetivo de facilitar o desenvolvimento linguístico e considerando-a determinante para que a aquisição aconteça.

QUADROS 2007, p.79. Também afirma que segundo as pesquisadoras Bellugi e Petitto 1988, concluem que a criança surda de nascença com acesso a uma língua espaço-visual, proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência. Estas pesquisadoras tem contribuído para a educação de surdos e compreensão do desenvolvimento da linguagem.

A pesquisadora sociointeracionista Márcia Goldfeld afirma no livro *A criança surda* (2002, p. 101), que quando o foco da língua passa a ser a comunicação e não as regras gramaticais a criança se desenvolve e aprende. Ao se envolver um contexto comunicativo, a noção desse contexto se torna importante para compreender esse desenvolvimento infantil, através do diálogo contextualizado e espontâneo. Essa ideia de acordo com as de Vygotsky provoca o desenvolvimento de funções mentais como atenção, memória, percepção, análise e síntese, abstração, dedução, inferência.

Analisando discussões podemos perceber que as dificuldades comunicativas da criança surda estão diretamente relacionadas ao ambiente social ao qual ela pertence. Frequentemente é um ambiente “inadequado” no ponto de vista linguístico, uma vez que sua língua natural não é estimulada, sendo assim, ela não acontece de maneira espontânea como no caso da criança surda que nasce em família surda fluente na língua de sinais.

Desse modo, ao se levar em consideração a perspectiva educacional sobre a pessoa surda, sendo ela uma ser visual e espacial, entendemos a língua de sinais

como parte importante da comunicação entre a criança surda e sua família. Assim, ela pode crescer e se desenvolver como ser autônomo. Destacamos que o apoio familiar é de suma importância para a aquisição da língua de sinais por crianças surdas. Aliada a família estará a escola que oferece a essa criança surda acessibilidade e inclusão em seu dia a dia escolar, uma escola onde a criança surda também possa se comunicar na sua língua, ter amigos e estímulo para que o processo de aquisição da língua continue ocorrendo de forma natural.

Entretanto (QUADROS 1997) esclarece que: É necessário que qualquer profissional que queira trabalhar com o ensino da língua portuguesa para surdos conheça teoricamente sobre o desenvolvimento da linguagem e as condições relacionadas ao processo de aquisição de uma segunda língua, e que basicamente existem três tipos de abordagens sobre aquisição que são elas: *Abordagem comportamentalista* (SKINNER 1957) que se baseia no interesse pelos aspectos observáveis e mensuráveis do comportamento. *A abordagem Linguística*, tendo como referência a teoria de (CHOMSKY 1957) que considera a linguagem como tendo uma gramática ou estrutura. *A interacionista* divide-se em dois enfoques que são tratados separadamente, o enfoque *cognitivista* baseado em *Piaget* trata da abordagem linguística enfatizando as estruturas internas como determinantes do comportamento, considerando a linguagem como um sistema simbólico regido por regras, consideram o desenvolvimento da linguagem como parte do desenvolvimento cognitivo-não linguístico, e que a linguagem é consequência do desenvolvimento cognitivo. Já o *sociointeracionismo* baseado em *Vigotsky*, entende que a linguagem tem uma estrutura e regras gramaticais e enfatiza que o ambiente tem papel importante na produção dessa estrutura, também concorda que as regras gramaticais acontecem a partir de associações e memorizações do contexto social, valorizando a linguagem focada na criança com o objetivo de facilitar o desenvolvimento linguístico e considerando-a determinante para que a aquisição aconteça.

Sendo assim, essa pesquisa se identifica com o sociointeracionismo, baseando-se nas pessoas pesquisadas, pois nela percebemos alguns aspectos que fortalece a teoria, como por exemplo a diferença entre *Fiorella* e *Sandrine* em seu ambiente social, e como o contexto familiar e escolar influenciam no processo da aquisição da língua de sinais, e também o relato de vivência com dois surdos em processo de aquisição tardia, um adulto com mais de quarenta anos e um adolescente com menos

de quinze anos, onde aos dois a literatura surda foi/é utilizada como ferramenta auxiliar nesse processo aquisitivo.

QUADROS 2007, p.79 afirma que segundo as pesquisadoras *Bellugi e Petitto* 1988, concluem que a criança surda de nascença com acesso a uma língua espaço-visual, proporcionada por pais surdos, desenvolverá uma linguagem sem qualquer deficiência. Estas pesquisadoras tem contribuído para a educação de surdos e compreensão do desenvolvimento da linguagem.

2.2 Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais

As definições conceituais sobre literatura infantil também esbarram nas discussões sobre o que é literatura como um todo. Segundo Coelho (2000), a literatura infantil é antes de tudo “literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. A autora ainda comenta que:

[...] hoje há uma produção literária/artística para crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico o catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de diversidades (COELHO, 2000, s/n, apud GREGORIN FILHO, 2012, p.12).

Pensando especificamente sobre as produções destinadas às crianças surdas, espera-se que elas sejam relacionadas à literatura surda. O pesquisador Mourão afirma, entretanto, que “assim como é difícil fazer um conceito de Literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda” (MOURÃO, 2011, p. 2, apud DALL’ALBA; STUMPF, 2017, p.78-79). Ele ainda comenta:

Ela [a literatura surda] envolve representações produzidas por surdos, onde se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura e o sujeito não cria sozinho acultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados (MOURÃO, 2011, p. 2, apud DALL’ALBA; STUMPF, 2017, p.78-79).

A pesquisadora Sutton-Spence (2021), também procura definir a literatura surda e a considera como manifestação artística, explica que a literatura surda é da comunidade surda e que não existe literatura em língua de sinais sem a comunidade

surda. Ela também ressalta que o objetivo principal é atingir o público surdo, mas também alcançar o público ouvinte que está em contato com o surdo, exemplo: pais de crianças surdas, professores que trabalham com alunos surdos. Assim, a maioria dos autores das literaturas surdas disponíveis são surdos, porém também há autores ouvintes que trabalham junto com autores surdos desenvolvendo uma literatura destinada aos surdos baseada nas vivências do “ser surdo”.

A literatura surda em língua de sinais pode ser caracterizada, segundo Mourão (2011), como: tradução, adaptação e criação. Na tradução usa-se histórias conhecidas e conta em língua de sinais, não muda o contexto apenas a língua. A adaptação usa histórias, adaptadas para a criança surda, por exemplo: a história da *Cinderela surda* é uma adaptação, pois se contextualiza para a vivência do surdo, cuja luva é perdida ao invés do sapato, o foco vai para as mãos que é a forma como se comunicam. Já a criação é uma literatura produzida por surdos para o surdo, são autores que dão visibilidade para a cultura surda e o “ser surdo”. Elas são muito importantes, pois além de serem autorais, também são inspiração para a criança surda mostrando que elas podem se tornar o que almejam ser, uma valorização a representatividade.

Diferente do que se possa imaginar, a literatura surda em língua de sinais também pode se desenvolver na modalidade escrita. Atualmente o sistema de escrita de sinais *SignWriting* é um exemplo da escrita de sinais. Há também a literatura visual que é uma categoria de literatura que prioriza o visual em especial produções não verbais, exemplo: teatro sem palavras, mímica, livros de imagens, gibis, histórias em quadrinho, isso é literatura visual, apesar de ela ser considerada verbal. Algumas dessas literaturas são criadas por ouvintes e são acessíveis ao surdo porque não utiliza o som, mas não são originariamente surdas. Dentro desse contexto também existe a literatura visual não verbal que não usa a Libras, por exemplo: mímica, histórias em quadrinhos, mas faz parte da literatura surda porque é feita por surdos, abordando assuntos da experiência de vida do surdo e voltada para o público surdo. (SUTTON-SPENCE, 2021).

Especificamente ao se referir a Literatura em Libras destinada ou público infantil surdo a mesma pesquisadora observa que literatura infantil está frequentemente ligada a autoras mulheres, talvez por causa da relação forte entre o cuidado materno e a educação das crianças, tradicionalmente feito por mulheres. Até o momento quem

mais tem contribuído com escrita e edição da literatura infantil, são elas, visto que, a maioria dos bibliotecários e estudiosos desta literatura especificamente, é composto por mulheres, como por exemplo *A cigarra surda e as formigas* e *Tibi e Joca* (respectivamente, OLIVEIRA; BOLDO, 2003 e BISOL, 2001 apud SUTTON-SPENCE, 2021, p. 217).

Em outra publicação, a autora traz reflexões sobre a prática de professores poetas surdos do Reino Unido e o ensino de poesia sinalizada para crianças surdas. Ela fala como a criança surda é receptiva a poesia sinalizada e quando usada pelos professores com o foco linguístico adequado ajuda a criança a desenvolver habilidades e expressar suas emoções. Sendo necessário para que tal prática realmente aconteça quebrar algumas barreiras como, a falta de treinamento de professores surdos e ouvintes (SUTTON-SPENCE, 2014).

Para ela a verdadeira educação bilíngue e bicultural para crianças surdas requer que elas aprendam a forma de arte surda de poesia em língua de sinais. Ela acredita que a poesia sinalizada abre a mente do estudante estimulando o cognitivo para o letramento e também o abstrato para produção. Os benefícios do ensino de poesia a criança surda envolvem estímulos e elas podem recitar e criar poesias próprias sinalizadas, podendo assim expressar emoções desenvolver confiança e interações sociais e linguísticas, orgulhando-se de sua própria expressividade e habilidades em língua de sinais (idem).

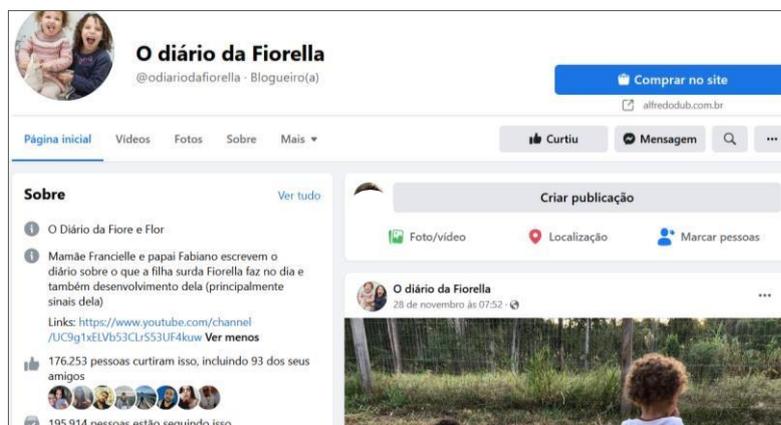
3 CENÁRIOS E EXPERIÊNCIAS SOBRE AQUISIÇÃO E LITERATURA

Nesse item descrevemos sobre cenários nos quais a literatura surda interage com o processo de aquisição de língua de sinais, pois como já afirmado anteriormente nessa investigação ela estimula desenvolvimentos linguísticos e cognitivos das crianças surdas. Em contextos mais informais como no ambiente familiar, seus frutos são respostas dos estímulos recebidos e da maneira que a família lida com a surdez da criança. Já em ambientes formais de ensino, como nos anos iniciais, seus resultados são mais palpáveis e quantificados, porém ambos contextos podem explorar a visualidade literária e são importantes para aguçar a curiosidade e imaginação da criança surda. Diante de tudo isso buscamos situações onde as crianças surdas estão inseridas.

3.1 Fiorella - *O Diário da Fiorella* (BRASIL, 2015)

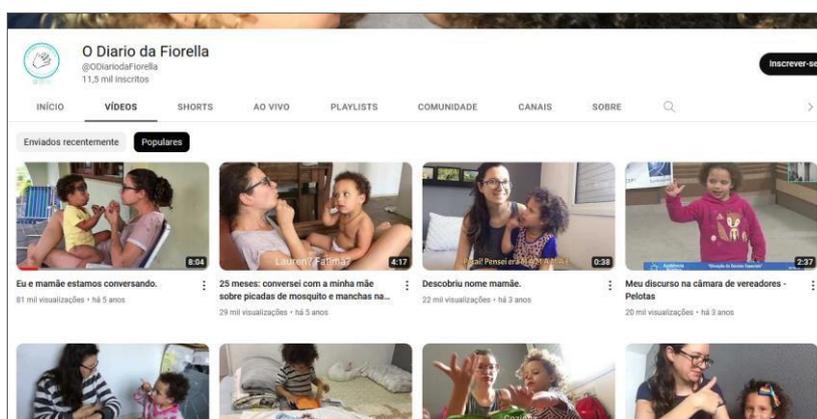
O diário da Fiorella é um conhecido canal nas redes sociais que retrata uma garotinha surda brasileira chamada Fiorella, 7anos. Ela nasceu surda em uma família surda com pais fluentes em Libras e conscientes da importância da aquisição da língua de sinais, a “Família 4F”, como gostam de brincar. Residentes em Pelotas-RS, seus pais, Francielle Martins e Fabiano Rosa, começaram a postar vídeos rotineiros sobre os primeiros sinais da garotinha. O perfil no *Facebook* foi criado em 12 de março 2015, quando Fiorella tinha alguns meses de vida e devido ao sucesso das postagens, em 2016, expandiu-se para um canal no *Youtube*. Ainda influenciados pela grande repercussão dos vídeos e comentários as publicações se estenderam para o *Instagram*, desde fevereiro 2017. Todas as plataformas sociais utilizam o mesmo nome de usuário *O diário da Fiorella*, vejamos imagens e links para acesso:

Figura 1 – Apresentação da primeira página criada em 2015.



Fonte: *O diário da Fiorella*, Facebook 2022.

Figura 2 – Visualização do Canal criado em 2016.



Fonte: *O diário da Fiorella*, Canal Youtube 2022.

Figura 3 – perfil mais divulgado, *Instagram* criado em 2017.



Fonte: *O diário da Fiorella*, Instagram 2022.

Atualmente a família cresceu e conta com mais uma integrante surda, a pequena Florence, 3 anos, que também tem desenvolvido a língua de sinais através da comunicação em família com seus pais e sua irmã mais velha. A primogênita se mostra uma menina cheia de personalidade que acumula situações únicas, como aos quatro anos, 2019, pediu aos pais para usar aparelho auditivo, porque queria escutar barulhos como choro, o cair das coisas, gritos. No mesmo ano, ela discursou na câmara de vereadores de Pelotas- RS, sobre a *Escola de Educação Especial Alfredo Dub* que é voltada para educação de surdos, recentemente ela participou do acampamento internacional de crianças surdas em Montevideo/Uruguai como representante da comunidade surda brasileira.

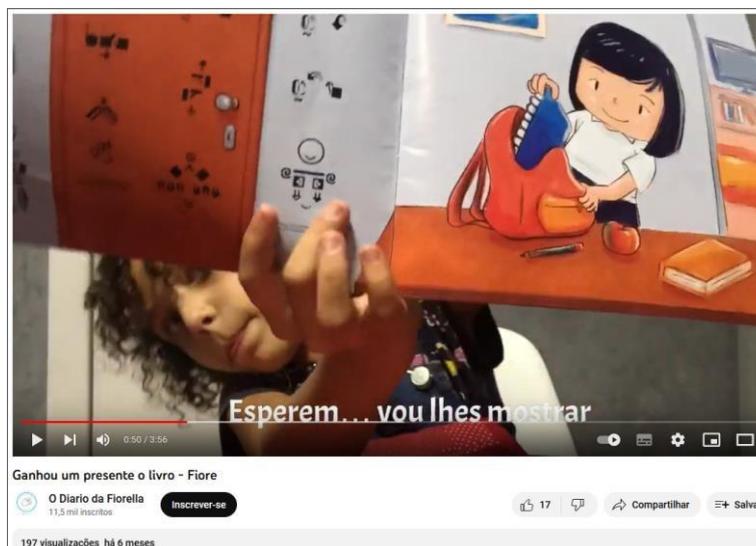
Outra motivação para o amplo desenvolvimento comunicativo das irmãs envolve a circulação e o estímulo de contação de histórias. A mãe Francielle e o pai Fabiano usam a literatura surda como ferramenta de estímulo de aquisição de sinais, e deixam livros pela casa ao alcance das crianças para que a literatura esteja sempre disponível a elas, vejamos:

Figura 4 - Fiorella contando história para irmã Florence



Fonte: O diário da Fiorella, Youtube 2022.

Figura 5 – Ganhou um presente o livro



Fonte: *O diário da Fiorella*, Youtube 2022.

Na figura 4, Fiorella conta uma história utilizando literatura em língua de sinais interagindo com a irmã recém nascida, sinalizando tentando ensinar sinais, pega na mão da irmãzinha Florence e faz o sinal de eu te amo com os dedinhos da bebê. Já na figura 5, Fiorella mostra uma literatura surda que sua irmã ganhou, ela fala sobre a escrita de sinais e português, e narra a história do livro *O maravilhoso Mundo de Miki* (2021), figura 6, e também mostra a autora, faz o sinal dela, esclarece que a autora também é surda, e agradece pelo presente.

Figura 6 – Miki personagem principal surda com seu novo coleguinha, ela está lhe dando um sinal.



Fonte: *O maravilhoso Mundo de Miki*, 2021.

Especialmente, sobre a importância social e literária do livro acima destacamos que a autora, Danielle Miki é surdocega em doutora em Linguística³. No livro ela relata que desde criança gostava de ler e escrever e fez da escrita de sinais, SignWriting, seu objeto de pesquisas acadêmicas. O material tem como intuito ser disponibilizado a comunidade surda como material bilíngue, de maneira que a Libras tenha relevância como língua de interação e português escrito como segunda língua para surdos, visando ampliar e intensificar o envolvimento da escrita de sinais na educação bilíngue de surdos. Assim, esse produto artístico é um exemplo de como a literatura surda, mesmo escrita, se torna acesso à língua de sinais e fundamental para o desenvolvimento da criança surda.

A Família F, é uma família rara que tem experiência no viver do ser surdo são um exemplo e inspiração. Eles mostram que o meio no qual a criança está inserida é de total significância para sua vida comunicativa, social e cognitiva. Retomamos os autores Dizeu e Caporali (2005 p 4) que discutem: para Vygotsky (1989), a trajetória principal do desenvolvimento psicológico da criança é uma trajetória de progressiva individualização, ou seja, é um processo que se origina nas relações sociais, interpessoais e se transforma em individual, intrapessoal.

Quando a criança não recebe o suporte familiar, apresentará, muitas vezes, resultados insatisfatórios quanto ao desenvolvimento de linguagem e comunicação, o que irá afetá-la emocionalmente. A família é o alicerce para a criança e quando esta base não está firme advirão consequências para o desenvolvimento, gerando comportamentos agressivos e frustrações (DIZEU e CAPORALI, 2005, p.9).

Podemos perceber o quanto o fato de Fiorella ter pais surdos fluentes na língua de sinais, conscientes da importância da aquisição da mesma, os estímulos que oferecem, utilizando a literatura surda influencia no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e pessoal, como podemos perceber em seus vídeos. Ela é livre para se expressar e o faz muito bem, tem personalidade, é inteligente e criativa e utiliza a literatura surda interagindo com familiares e com expectadores virtuais.

³ Daniele Miki é doutora surdocega (portadora de síndrome de Usher). E cursou Educação Básica na ANPACIN-Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá (PR). Ela fez duas graduações: Desing de Interiores (UNICESUMAR) e licenciatura em Letras-Libras (UFSC). Possui Mestrado em Educação (UEM) e Doutorado em Linguística (UFSC). É professora de Libras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/ Apucarana).

3.2 Sandrine - *Sou Surda e Não Sabia* (FRANÇA, 2009)

Figura 7 – Sandrine relata sobre a relação com sua mãe.



Fonte: *Sou Surda e Não Sabia*, Youtube 2009.

Figura 8 – Sandrine encantada com a história contada pelo pai de Matilde.



Fonte: *Sou Surda e Não Sabia*, Youtube 2009.

O documentário francês *Sou Surda e Não Sabia*, foi interpretado por Sandrine Herman, dirigido por Igor Ochronowicz, em 2009. A protagonista Sandrine narra memórias de sua trajetória de vida intercalando cenas e comentários/relatos de pessoas surdas e/ou de profissionais, familiares. A narrativa chama atenção para

distintas questões da pessoa surda, como diagnóstico, discussões do implante coclear e oralização de crianças surdas, aquisição da língua de sinais, entre outros.

Sandrine conta sobre seu nascimento em uma família ouvinte tal qual como a maioria das crianças surdas, quando seus pais perceberam que havia algo de diferente em seu desenvolvimento na fala ignorando a hipótese de surdez. Segundo ela suas primeiras lembranças são visuais como: cores e paisagens, toques, cheiros, expressões das pessoas de seu convívio, tudo isso lhe causava emoções um tipo de conexão. Ela foi dando sinais de que não ouvia, figura 7, e demorou para que fosse diagnosticada com surdez, sendo submetida a oralização. Aos 9 anos, entendeu que era surda, depois que passou a ter contato com outras crianças surdas e começou, então, a aprender os sinais escondido porque na escola de surdos a metodologia utilizada era oralista, com valorização da fala e não dos sinais.

O que é ser uma pequena criança na escola, numa sala sem som, com um professor que fala, fala e fala, e, então, quando ele vem perto de você, ele espera que você saiba o que ele disse? [...]. ou o professor que pensa que para torná-lo inteligente você deve, primeiro, aprender como falar com sua voz, assim, colocando as mãos no seu rosto por horas e horas sem paciência ou fim, até sair algo indistinto assemelhado ao som? (WILLERD J. MADSEN, 1971, Apud VATER e DAROS, 2015, p.73).

Uma cena interessante para a relação da aquisição de língua de sinais e literatura surda envolve o dia que Sandrine estava na casa de sua primeira amiga surda Matilde e viu o pai dela, também surdo, narrar uma história sinalizada, figura 8. Ela ficou entusiasmada porque compreendeu a história e a língua, também percebeu que existiam surdos adultos, que poderia ser autônoma e que poderia ser livre para se expressar sinalizando. Esse recorte nos mostra o quanto é difícil viver sem acesso a uma língua para se comunicar, e que a literatura surda pode ser uma ferramenta que proporciona imaginação, criatividade, internalização, aquisição.

Olhando para a história de vida de Sandrine é possível imaginarmos que existem muitos surdos que tem uma história de vida parecida com a dela, principalmente surdos mais velhos que não tiveram nenhum ou pouco contato com a língua de sinais, e muitos crescem sentindo falta desse contato, por que sem uma língua o que existe é apenas uma comunicação básica gestual, nada profundo.

No Brasil ainda existem muitos surdos que não tem esse acesso a língua de sinais, principalmente em cidades pequenas do interior, pois a maioria das escolas que oferecem ensino bilíngue, ou escola de surdos por exemplo, estão em centros

urbanos mais desenvolvidos e/ou capitais. Sobre tal situação, em minha própria família, com origens interioranas da Bahia, recentemente, setembro de 2022, descobri um sobrinho surdo com idade entre 10 e 13 anos. Nascido em família ouvinte e que não tem acesso a língua de sinais e apenas frequenta a sala do AEE em uma escola inclusiva, na qual, não há professor ou intérprete de Libras.

3.3 Relatos de vivência em Porto Nacional/TO

Previamente, esclarecemos que por princípios éticos escolhemos não divulgar nomes e informações detalhadas sobre os participantes envolvidos nas vivências relatadas. Desse modo, o primeiro sujeito investigado é um surdo adulto não fluente em Libras na faixa etária de 40 a 50 anos, que conheci em 2019, no município de Porto Nacional/Tocantins. Seu processo tardio de aquisição de língua de sinais pode estar relacionado a fatores como: sua família ser ouvinte e não sinalizar, seus pais já são idosos, eles residem em zona rural e existe nenhum ou pouco contato com a comunidade surda mais próxima.

Entretanto, o maior sonho desse surdo adulto é tirar a carteira de habilitação e para isso é necessário entender português. Atualmente ele cursa o 3º Ano do Ensino Fundamental numa escola rural, que não possui intérprete e professor de Libras. Dessa forma, questionamos: como um surdo adulto pode aprender português sem conhecer a língua de sinais antes?

Assim, a partir do cenário encontrado, um grupo de discentes surdos e ouvintes vinculados a licenciatura em Letras-Libras da UFT/Porto Nacional começou em 2019, a desenvolver atividades pedagógicas pensando em estratégias para facilitar essa aquisição de Libras. O grupo se encontrava informalmente uma vez por semana na casa de alguém do grupo, também aconteceram aulas práticas no supermercado, no centro da cidade, na feira, que é seu local de trabalho, onde foi ensinado os sinais dos produtos das prateleiras, dos alimentos, os sinais de banco, farmácia, loja etc...visitas a UFT para ter contato com outros surdos, utilizamos o meio em que ele estava inserido para ensinar os sinais, ministrando aulas de Libras utilizando contextualizações do cotidiano dele.

Inicialmente, houve fluidez e o em surdo estava conseguindo internalizar sinais e se desenvolvendo em um ritmo que poderíamos considerar bom. Porém, as medidas de segurança sanitária adotadas com isolamento social durante a pandemia de Covid-19

entre os anos de 2020 e alguns meses de 2021, influenciaram para que o grupo se desfizesse. Dessa forma, continuei sozinha com pequenos encontros informais, ajudando-o principalmente nas atividades escolares.

O livro *O maravilhoso Mundo de Miki*, anteriormente citado por Fiorella, mesmo sendo destinado ao público infantil, foi apresentado de maneira informal para ele, que, entendeu a história e achou interessante existir uma escola só de surdos. Ele ficou admirado quando compreendeu que a autora também é surda. Quanto a escrita de sinais presente por necessitar de conhecimentos prévios e certa habilidade abstrata, não lhe interessou muito.

O surdo adulto relatado continua em seu processo tardio da aquisição de Libras e ainda não entende o português, mas já se comunica bem melhor utilizando os sinais que já internalizou, o seu viver surdo o ajuda a se expressar e se comunicar com sua família e com outras pessoas sinalizantes.

Um momento marcante para ele e sua família ocorreu no último mês agosto de 2022, quando o mesmo grupo de discentes surdos e ouvintes organizaram um Encontro Literário, vinculado a disciplina de Literatura Surda II, na UFT/Porto Nacional. Durante algumas das dinâmicas e práticas literárias e dramáticas que foram executas o jovem surdo exerceu um papel de protagonismo e sua família que estava presente visivelmente se emocionou. Supomos tal situação estar entre as primeiras e relevantes posições de envolvimento social, empoderamento e protagonismo do surdo, pois como afirmam Santos e Oliveira (2016):

No Brasil, 90% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, os quais, muitas vezes, desconhecem a Libras. Essa circunstância, geralmente, leva a criança surda a se desenvolver longe de um “igual”, ou seja, de outro surdo. Nessa condição, uma criança surda se enxerga apenas como “desigual” (SANTOS e OLIVEIRA, 2016, p.7).

A segunda vivência relatada se refere a um adolescente surdo de aproximadamente 13 anos, também residente na cidade de Porto Nacional/TO. O contato com ele ocorreu por meio de umas das disciplinas de Estágio Obrigatório realizadas por mim, nos anos finais dessa graduação. Como costume da prática de Estágio com regência não se conhece o nível de desenvolvimento dos alunos surdos em relação a língua de sinais anteriormente. Assim, o plano de ensino pré-elaborado por mim e minha companheira tentou ser amplo e flexível para poder se adaptar as realidades encontradas na escola.

A oficina de libras que planejamos foi executada numa turma de 7º Ano do Ensino Fundamental com apenas um adolescente surdo matriculado, os demais eram alunos ouvintes. A escola parceira é uma escola estadual inclusiva urbana e tinha acompanhamento de intérprete de Libras fluente. Toda a oficina foi desenvolvida na perspectiva de literatura surda, cujo, material explorado foi novamente o livro *O maravilhoso Mundo de Miki*, pois tal produção está voltada para a cultura surda com maior foco em alcançar as crianças surdas.

Logo que começaram as aulas percebemos que ele está no processo de aquisição da Libras como primeira língua, L1, tendo como principal referência a intérprete, pois ela é seu contato mais próximo com a língua de sinais. Há 3 anos atrás ele era apenas uma criança surda com implante coclear e não sinalizava nascido em família ouvinte. No momento do Estágio, ele não usava mais implante e sua família tem se esforçado para interagir sinalizando.

Outra observação envolve a aceitação da própria identidade surda por parte dele, sendo a maior barreira enfrentada por ele ainda é a falta de contato com a língua de sinais. Como já comentamos, sua referência maior é a intérprete, que também atua voluntariamente como professora de Libras e ajuda no processo de aquisição de Libras e português. Desse modo, o adolescente surdo foi receptivo a toda proposta que lhe foi apresentada, aprendeu sinais, escreveu seu nome em escrita de sinais, compreendeu a história e se sentiu à vontade para sinalizar, interagir e conversar naturalmente.

Em ambas histórias aqui relatadas percebemos o esforço tanto do adolescente quanto do adulto surdo e suas vontades de aprender a língua de sinais, o empenho para sinalizar. Assim como eles, em nosso país existem muitos estrangeiros na própria terra, surdos sem acesso a língua de sinais, que são privados do direito de se comunicar através de uma língua, já que estão inseridos em um mundo ouvinte.

Também percebemos que a aceitação da família do surdo em relação a língua de sinais é importante para que esse processo aquisitivo aconteça, pois esse apoio é fundamental e de certo modo estimulante para esse desenvolvimento, pois quando a família se envolve é perceptível a reação positiva do surdo, principalmente quando ela, a família se esforça para também se comunicar com o filho surdo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório a importância da aquisição da língua de sinais pelo surdo, pois essa língua é sua língua natural e precisamos como sociedade sermos mais conscientes quanto as necessidades e especificidades de grupo. A cultura surda é bonita de ver, e melhor ainda é poder vivenciá-la, oportunizando a pessoa surda desde a mais tenra idade o direito de ser livre para se comunicar sem barreiras e limitações. O mais importante é que quando a família se envolve nesse processo aquisitivo da língua de sinais muda o conceito sobre surdez, quebra preconceitos e estimula o desenvolvimento cognitivo, e também emocional dessa criança, pois ela se sentirá mais segura de quem é, e o que pode ser.

Sendo assim é importante que nós como sociedade, família e educadores sejamos propagadores da língua de sinais e da cultura surda, apresentando-a para todos, surdos e ouvintes, pois como vimos no texto, tem surdo que nem entende o que é ser surdo assim como tem pessoas que não compreendem que a Libras é uma língua, pois, a sociedade muda a partir da ação daqueles que a ela pertencem.

Defendemos que a língua de sinais favorece a autonomia na comunicação do sujeito surdo, fortalece sua própria identidade. Complementamos ainda, que a literatura surda é influente na vida da criança surda e está atrelada à aquisição de língua. Mesmo para surdos adultos com atraso de linguagem, a literatura surda favorece é o viver surdo e sua experiência visual facilita a compreensão.

A literatura surda tem se mostrado uma forte aliada no estímulo para o desenvolvimento linguístico, principalmente infantil pois trabalha o imaginário, proporcionando a produção o diálogo e interatividade no uso da língua de sinais. Também percebemos que é possível sim, acontecer aquisição tardia da Libras, que o mais importante é o surdo entender o ser surdo e querer usar a sua língua natural que assim como a língua oral, é aprendida.

Muitos são os desafios que a criança surda enfrenta ao longo da vida, mas nós como professores de Libras podemos ser esse facilitador intermediário que proporciona essa interação, buscando maneiras de utilizar as ferramentas disponíveis a cultura surda exemplo; a literatura surda, para estimular a aquisição dos alunos surdos, pois em sua maioria nascem em família ouvinte e seu maior contato com a língua de sinais acontece na escola. Também se faz necessário a disponibilidade de mais professores na área da língua de sinais, pois como já citamos a Libras é

considerada uma língua nova, e está sendo inserida no cotidiano escolar inclusivo, e há uma demanda significativa da necessidade desse profissional capacitado para atuar com os alunos surdos suas necessidades e especificidades. Pois ser professor não envolve apenas o ato de ensino e repasse de conhecimento, envolve também uma consciência social, pois esse profissional também é alguém que pode marcar positivamente a vida da pessoa surda, oferecendo a ela a possibilidade de desenvolver sua língua natural, a língua de sinais.

REFERÊNCIAS

BÓZOLI, D, M, F, **O extraordinário mundo de Miki**, 1ed.-Maringá, PR: A. R publischer editora. Brasil, 2021, 24 p.

DALL'ALBA; STUMPF, C.M **Literatura surda: contribuições linguísticas para alunos surdos, os sujeitos da experiência visual na área da educação** 2017 acesso em 08/12/2022

DIZEU e CAPORALI, L, C, T, B. S, **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005 acesso em 13/11/2022

FACEBOOK: Disponível em: <https://www.facebook.com/odiariodafiorella> Acesso em: 08/12/2022

GREGORIN FILHO J,N. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores** : Ed Melhoramentos, 128 p. 2012 .Disponível em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6XTJrrEcyEAC&oi=fnd&pg=PT4&dq=literatura+infantil&ots=ux6JPYRerN&sig=TyMNZVtP4Q4FFdUKVzvpP96xyNI#v=onepage&q=literatura%20infantil&> acesso em 21/04/2022

INSTAGRAM: Disponível em: <https://www.instagram.com/odiariodafiorella/> Acesso em: 08/12/2022

NADER e PINTO: J, M, V. R, C, N. **Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo** ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 40 (2): p. 929-943, mai-ago 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1351> acesso em 05/12/2022

RODRIGUERO C, R, B, **O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo** 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/XQCr6SWDty6CJgvzh7Zn4vQ/?lang=pt&format=pdfaceso> acesso em 06/11/2022

SANTOS e OLIVEIRA L, B, D. T, M. **Contos de fadas e educação de surdos** 2016,.pdf Revista Sinalizar, v.1, n.1, p. 25-36, jan./jun 2016. Disponível em <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38701> acesso em 05/12/2022

SCHLEMPER, M, D, S. **Traduções Infantis para Libras: O Conto como Mediador de Aquisição Sinalar**. 2016 disponível em: https://www.academia.edu/81902716/Tradu%C3%A7%C3%B5es_infantis_para_libras_o_conto_como_mediador_de_aquisi%C3%A7%C3%A3o_sinalar acesso em 24/08/2022

Ochronowicz Igor, direção.: **SOU SURDA e não sabia**. Intérprete: Sandrine Herman. França: 2009. Documentário. (70 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/playlist?> Acesso em 21/04/2022

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 126 p.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em libras** [livro eletrônico] / Rachel Sutton-Spence; [tradução Gustavo Gusmão]. -- 1. ed. -- Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. acesso em 05/2022

SUTTON-SPENCE, R. **Poesia na Escola Bilíngue** 2014pdf acesso em 05 JUL 2022

VATER, M. S.; DAROS, T. M. V. **A Criança Surda: Reflexões Iniciais**. Pleiade, 09(18): 72-77, Jul/Dez, 2015. acesso em 08/12/2022.

YOUTUBE: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B9zbQfT5L-c> Acesso em: 08/12/ 2022